

A IMAGEM ALÉM DOS OLHOS: A METÁFORA NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO PELO ALUNO DEFICIENTE VISUAL

Saulo César da Silva*

Resumo: Recentes estudos revelam a importância das metáforas, no emprego cotidiano da linguagem, na organização do pensamento e na construção do sentido. Lakoff e Johnson (1980), entre outros, destacam-se como estudiosos que concebem a metáfora, não como elemento amorfo, mas como instrumento fundamental para a compreensão do mundo. Partindo dessa idéia, procurei empregar essa linha teórica na realização de uma pesquisa qualitativa que mostrasse caminhos para o aprimoramento do ensino de leitura em sala de aula. Devo ressaltar que meu objetivo é analisar as metáforas presentes no discurso dos alunos com necessidades especiais (dv). Para que isso fosse possível, houve a necessidade da criação de um grupo de leitura composto por alunos deficientes visuais com diferentes graus de comprometimento na sua percepção visual. A coleta de dados se deu pela aplicação do método do protocolo verbal em grupo. A importância dos aspectos sociocognitivos envolvidos no processo da criação metafórica e presentes no discurso do aluno deficiente visual denotam a urgência de um aprofundamento nos estudos a respeito desse tema.

Palavras-chave: Leitura, metáfora, deficiente visual, construção de sentido.

* Doutorando em Linguística Aplicada pela PUC-SP. Professor de Língua Portuguesa do Centro Universitário Álvares Penteado e de Linguagem Jurídica da Universidade Paulista. E-mail: saulosilva@fecap.br

Introdução

Há algum tempo, pesquisadores e estudiosos da linguagem passaram a desenvolver trabalhos direcionados para a importância das metáforas na organização do pensamento e sua relação com os aspectos culturais.

Estudiosos como: Lakoff, Johnson, Gibbs, entre outros, destacam-se pela preocupação na análise dessas metáforas partindo do pressuposto de que elas não são amorfas e retóricas como definiam os aristotélicos. Ao contrário, para eles as metáforas são fundamentais na criação conceptual dos sujeitos e na compreensão do mundo que os cerca. Estão presentes não só na linguagem cotidiana como também no discurso científico.

A importância dos aspectos sociocognitivos envolvidos no processo da criação metafórica denotam a necessidade de um estudo mais aprofundado do tema. Essa necessidade se mostra de forma mais acentuada no ensino da leitura. Minha prática docente tem revelado a urgência de se desenvolverem estratégias específicas de ensino, particularmente nesse campo da leitura e da criação de sentido.

Digo isso porque a heterogeneidade que caracteriza as salas de aula revela contextos que exigem do professor um preparo que, quase sempre, ele não tem. Por mais de uma vez, pude me deparar com a presença de alunos com necessidades especiais (dv)¹ cursando disciplinas com alunos videntes². Diante dessa (nova) realidade me senti despreparado para desenvolver satisfatoriamente as atividades pedagógicas propostas. Eu ignorava qualquer método ou estratégia para trabalhar leitura com esses alunos.

Os conceitos de leitura e deficiência visual pareciam incompatíveis para mim naquele momento. O ato de ler e interpretar me faziam, inconscientemente, relacioná-los à noção de visão, ou seja, à idéia de que um texto para ser lido precisaria necessariamente ser visto.

Essa heterogeneidade contextual em sala de aula foi o que me motivou, inicialmente, a desenvolver essa pesquisa. A princípio, percebi que precisaria entender a respeito de um mundo de sensações que se constrói sem cores ou luz e que está para além dos olhos biológicos! Era-me fundamental conhecer o (dv), sua história de vida, seu

processo de alfabetização e as suas diferentes necessidades especiais.

Minhas primeiras constatações, do ponto de vista empírico, causaram-me inquietação, traduzindo-se, por sua vez, na necessidade de desenvolver um estudo que pudesse, a partir de uma análise investigativa, me levar ao (re)conhecimento das metáforas presentes na construção do sentido pelo aluno (dv) durante o ato de ler.

É importante ressaltar, ainda, que o estudo dos aspectos sociocognitivos implicados na construção metafórica exigem o emprego de uma pesquisa de cunho qualitativo. Nela, as análises devem partir de situações concretas de interação. Por isso, tornou-se imprescindível a criação de um grupo de leitura que proporcionasse um ambiente adequado para a coleta de dados. O grupo formado por alunos (dv) com diferentes graus de necessidades (categorizados em totalmente cegos e com visão subnormal).

Nesta análise, irei considerar o termo: deficiente visual como o mais apropriado. Essa terminologia abrange um número maior de indivíduos, adequando-se, portanto, melhor às características do grupo. No entanto, deve-se estar atento para não se fazer o emprego indistinto desse termo. Silvia e Vizim (2001, p.07) chamam a atenção a esse respeito para o que denominaram “pasteurização” dos indivíduos. Em outras palavras, é preciso discutir as questões pertinentes às pessoas com necessidades especiais levando-se em conta as realidades vivenciais de cada um.

O estudo aqui apresentado foi resultado da coleta de dados realizada no primeiro encontro do grupo de leitura. O texto selecionado foi: “Sobre política e jardinagem”, de Rubem Alves (ANEXO) e a metodologia empregada a do protocolo verbal em grupo.

Aspectos teóricos para a análise

Os aspectos teóricos que irão nortear essa análise pautam-se, primeiramente, nas idéias propostas por Lakoff e Johnson (1986)³ que definem a metáfora como um importante instrumento na estruturação do nosso sistema conceitual, vivenciado e construído cotidianamente. Outro teórico importante é Gibbs (1994) que também

trabalha a idéia da relevância das metáforas em diversas situações da vida cotidiana e também no pensamento científico⁴.

Atualmente, diversos teóricos reconhecem a presença significativa da metáfora na interpretação do mundo, contrariando conceitos objetivistas que sempre primaram pela racionalidade em detrimento do subjetivismo e que definiam a metáfora como adorno do discurso como revela Zanotto (1998, p.14) quando diz que a metáfora é considerada simples figura de linguagem – para os racionalistas – sem valor cognitivo qualquer *deve apenas ser reconhecida e classificada, mas não interpretada*. A respeito, ainda, da importância da metáfora na construção cognitiva, Vizim (2001, p.175) revela que

[...]a prática pedagógica do objetivismo é uma questão histórica, uma tentativa de compreender e interpretar o mundo buscando-se justificar a força do racional sobre o poético [...] Apesar da forte influência do objetivismo no pensamento e na cultura, principalmente dos povos ocidentais, a transmissão da mensagem ocorre por meio do discurso metafórico.

Análise dos dados

Lakoff e Johnson (1980) trabalham com a idéia de que as concepções de metáfora e cultura estão intrinsecamente relacionadas. Para eles, os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura. Pode-se dizer até que esses valores não são autônomos, mas constroem uma orientação para nossas vidas. Orientações essas que estão baseadas na formação de um sistema coerente com os conceitos metafóricos⁵.

As chamadas metáforas de entidades e substâncias, ou metáforas ontológicas, têm a função de auxiliar na compreensão. Segundo esses estudiosos compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Uma vez que podemos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, podemos referir-nos a elas, categorizá-las,

agrupá-las e quantificá-las. Nesse sentido, pode-se dizer que a metáfora possibilita o aproveitamento das experiências como fundamental para a compreensão do mundo. A esse respeito, ainda, Vizim (2001, p.174) revela que o rompimento da polarização objetivo-subjetivo está no que a autora chama de *experencialismo*. Ou seja: O homem constitui o seu conhecimento no mesmo processo em que o conhecimento o constitui como homem.

Após a leitura do texto em voz alta pelo pesquisador, iniciamos o debate. Em um determinado momento, perguntei aos participantes se eles haviam achado o texto interessante⁶. Em seguida obtive as seguintes manifestações:

Cláudia: *ele tá falando de outro tipo de política uma melhoria da corrupção [...].*

Medeiros: *eu entendo que jardim tem a ver com com paraíso ele até citou que Deus não construiu uma cidade e sim um jardim e ao mesmo tempo ele fala do político que faz o paraíso pra si ou seja ele cuida do seu próprio jardim e enquanto um deserto e ao mesmo tempo ele tenta incitar no leitor desse texto a vocação política pra ser um jardineiro não simplesmente um entre aspas corrupto como a gente sabe que na verdade existe gostei desse texto [...].*

Nos dois trechos acima, percebe-se que o pronome *ele* foi empregado com a finalidade de substituir a palavra texto. No primeiro, a leitora Cláudia dá voz ao texto, como se fosse possível ouvi-lo quando diz: “**ele** (o texto) tá falando de outro tipo de política [...]”. Em seguida, o segundo leitor parece acompanhar a mesma linha de raciocínio quando reconhece essa “voz” dizendo que “**ele** [o texto] até citou que Deus não construiu uma cidade e sim um jardim”.

A personificação dada ao texto pode ser discutida à luz do capítulo 7, “Personificação”, da obra de Lakoff & Johnson, quando os autores se referem a personificação da inflação, chamando a atenção do leitor para o fato de que a metáfora discutida não se reduzia à idéia: a inflação é uma pessoa. É muito mais específica. Isso me leva

a uma reflexão em que os leitores estariam concebendo o texto não como uma pessoa, mas como uma função do organismo humano: a voz. Assim, ao dizer que o texto tem voz (do autor) poder-se-ia pensar que haveria uma “vontade própria” do texto para “falar” o que estivesse pensando.

O mais interessante é que à medida que a discussão avança, outros leitores interagem, referindo-se sempre ao texto como uma pessoa, ou melhor, como uma voz autônoma. Observem-se os seguintes trechos:

Dil: ele fala dos falsos políticos parece que o texto está tentando despertar no jovem/ ainda tem político com vocação no caso que dizer né como vocação e não como profissão tem.

Murilo: eu entendi que o paralelo que ele faz a respeito do descobrimento assim era um terreno selvagem em vez de ser cuidado como como [inaudível] foi só explorado foi tratado/ não foi tratado como um jardim como (da sua casa) que você tem que cuidar que a gente tem que fazer melhoria não foi só explorado e essa é a diferença entre a vocação e a profissão que ele que ele comenta e o autor lá o [...].

Essa personificação dada ao texto – como voz autônoma – remete-me às idéias de Gibbs (1994, p.161) quando evidencia a importância persuasiva da metáfora no pensamento diário, partindo de uma perspectiva da psicologia cognitiva. A esse respeito diz: “There is a growing body of evidence from cognitive psychology in psycholinguistics, some of which has been described, that illustrates the persuasive nature of metaphor in everyday thought”.

Ainda a esse respeito, Zanotto cita Reddy (1979) e Lakoff & Johnson (1980) como os descobridores do aspecto cognitivo das metáforas que “regem nosso pensamento e nossa ação, são na verdade conceitos metafóricos que se manifestam de diferentes maneiras na língua”.

Analisando outros trechos, pode-se perceber a presença de diferentes aspectos metafóricos. Porém, Lakoff & Johnson (1980) cha-

mam a atenção, no caso específico da personificação, para o fato de se estabelecer uma diferenciação entre as atribuições dadas a entidades não-humanas daquelas que são empregadas para se referir a uma pessoa real. Neste caso, não se tem uma metáfora, mas uma metonímia. A esse respeito dizem que “Estamos incluindo como um caso especial de metonímia o que retóricos tradicionais chamaram de sinédoque, em que a parte representa o todo”.

Embora, para os autores, a metáfora e a metonímia desempenhem papéis diferentes, ou seja: a metáfora “[...] é um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra.

Nos trechos a seguir, estarei identificando algumas metonímias presentes na fala dos leitores.

Dil: *de/da polis que seria pra cuidar da cidade que totalmente inverso hoje [...] porque política é sinônimo de tudo o que não presta hoje, corrupção [inaudível].*

Cláudia: *ele tá falando de outro tipo de política uma melhoria da corrupção [...].*

Dil: *não é algo é: ele traça um paralelo com [...] com a cidade com com a causa social né” [multiplicidade de vozes] com a causa social é um jardim metafórico.*

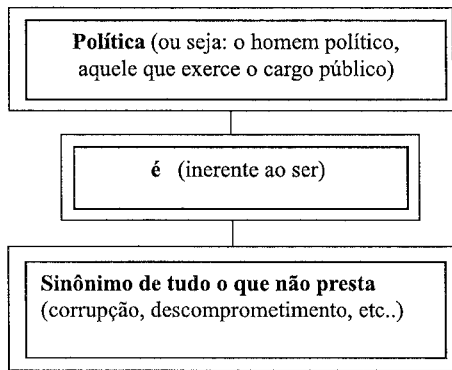
No fenômeno da metonímia há a representação da parte pelo todo. No primeiro fragmento, o trecho “*política é sinônimo de tudo o que não presta hoje, corrupção*” revela que a palavra política está representando a classe dos políticos, ou seja, as pessoas públicas que têm atitudes inadequadas ou são corruptas. No segundo trecho, “*uma melhoria da corrupção*” na verdade sugere uma mudança no comportamento ético dos políticos e não um uma melhoria da corrupção. Corrupção estaria substituindo os atos praticados pelos políticos, ou seja, corrupção estaria substituindo as atitudes dos homens.

O trecho “*causa social é um jardim metafórico*” revela que o leitor parece associar a idéia de comprometimento dos políticos com a ética e com a cidadania, já que jardim, no texto, refere-se ao lugar que representa a coletividade construída por todos.

Observe-se a seguir os esquemas, nos quais procuro ilustrar o emprego da metonímia:

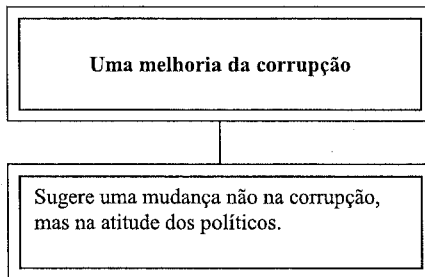
Esquema 1

Primeiro Trecho



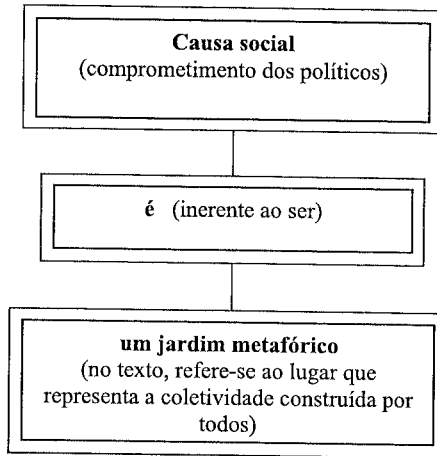
Esquema 2

Segundo Trecho



Esquema 3

Terceiro Trecho



Conclusão

Observando-se os trechos estudados sob a linha teórica da metáfora, pode-se perceber, ainda que de forma preliminar, a importância das metáforas na construção conceitual dos leitores.

Essa análise inicial aponta para uma reflexão a respeito do emprego das metáforas (e da metonímia) e os aspectos sociocognitivos envolvidos no processo da construção do sentido. Pôde-se perceber que a idéia proposta por Kleiman (1999, p.13) quando diz que compreender é dinamizar conhecimentos prévios, conhecimentos de mundo, lingüísticos entre outros, interage com as idéias de Lakoff & Johnson (1986) quando estes propõem o estudo da metáfora e a sua importância na nossa compreensão do mundo. A esse respeito dizem que

Os conceitos que governam nosso pensamento não são de natureza puramente intelectual. Eles governam, também, a nossa atividade cotidiana [...]. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com as outras pessoas.

Nos trechos estudados, pude analisar a presença de duas metáforas: a personificação e a metonímia. A primeira aparentemente ajudou os leitores a construir uma imagem de que o texto tem voz, pensa, logo tem idéias próprias. Fica assim implícita a metáfora: **TEXTO É PENSAMENTO**.

Nos trechos analisados onde aparece a metonímia, percebi que ela foi empregada para se referir às pessoas reais. Ao empregar a parte pelo todo, o leitor está buscando enriquecer seu entendimento. Se por um lado, segundo Lakoff & Johnson (1980). “A metonímia [...] tem principalmente a função referencial, isto é permite-nos usar uma entidade para representar outra, [por outro lado] Ela também tem a função de propiciar o entendimento”.

Notas

- 1 A abreviação (dv) significa: deficiente visual. E será empregada daqui por diante.
- 2 Denominação dada às pessoas com visão normal.
- 3 Obra traduzida por Mara Sophia Zanotto.
- 4 Metaphor in language and thought (Conferir página 160).
- 5 Metáforas da vida cotidiana – Obra traduzida por Mara Sophia Zanotto.
- 6 A partir dessa colocação é que se iniciou a primeira coleta.

Referências

- GIBBS, R. **The poetics of mind: figurative thought, language and understanding**. New York: Cambridge Univ. Press, 1994.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1999.
- LAKOFF & JOHNSON. **Metaphors we live by**. Trad. Mara Sophia Zanotto. (no prelo), 1980.
- MELO, Helena Flávia de Rezende. **A cegueira trocada em miúdos**. Campinas: Unicamp, 1988.
- SILVA, Shirley & VIZIM, Marli (orgs). **Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado de letras, 2001.

ZANOTTO, Mara Sophia. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de pandora. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: Univ. Federal de Minas Gerais, pp. 13-33.

Abstract: Recent studies have revealed the importance of metaphors in the everyday use of language, organization of thought and the construction of meaning. Lakoff and Johnson (1980), amongst others, stand out as scholars who conceive metaphor not as an amorphous element, but as a fundamental instrument for the comprehension of the world. Following this idea, I tried to use this theoretical line in carrying out a qualitative research that shows ways to improve the teaching of reading in the classroom. I must emphasize that my objective is to analyze the metaphors present in the speech of students with special needs (the visually impaired). To make this possible there was a need to create a reading group made up of visually impaired students with different degrees of deficiency in their visual perception. The data collection was done using the method of verbal protocol in group. The importance of socio-cognitive aspects involved in the process of metaphor creation and present in the speech of the visually impaired student indicates the urgent need for deeper studies about this theme.

Key Words: Reading, metaphor, visual deficiency, construction of meaning.

Recebido em 19/19/2002

Aceito em 27/11/2002

Anexo

Sobre política e jardinagem

Rubem Alves

“Escrevo para você, jovem, para seduzi-lo à vocação política”.
“Talvez haja um jardineiro adormecido dentro de você”.

De todas as vocações, a política é a mais nobre. Vocação, do latim “vocare”, quer dizer “chamado”. Vocação   um chamado interior de amor: chamado de amor por um “fazer”. No lugar desse “fazer” o vocacionado quer “fazer amor” com o mundo. Psicologia de amante: faria, mesmo que não ganhasse nada.

“Política” vem de “polis”, cidade. A cidade era, para os gregos, um espaço seguro, ordenado e manso, onde os homens podiam se dedicar   busca da felicidade. O político seria aquele que cuidaria desse espaço. A voca o política, assim, estaria a serviço da felicidade dos moradores da cidade.

Talvez por terem sido nômades no deserto, os hebreus não sonhavam com cidades; sonhavam com jardins. Quem mora no deserto sonha com o asis. Deus não criou uma cidade. Ele criou um jardim. Se perguntássemos a um profeta hebreu “o que   política?”, ele nos responderia: “A arte da jardinagem aplicada às coisas públicas”.

O político por voca o   um apaixonado pelo grande jardim para todos. Seu amor   tão grande que ele abre mão do pequeno jardim que ele poderia plantar para si mesmo. De que vale um pequeno jardim se a sua volta está o deserto?   preciso que o deserto inteiro se transforme em jardim.

Amo a minha voca o, que   escrever. Literatura   uma voca o bela e fraca. O escritor tem amor, mas não tem poder. Mas o político tem. Um político por voca o   um poeta forte: ele tem o poder de transformar poemas sobre jardins em jardins de verdade.

A voca o política   transformar sonhos em realidade.   uma voca o tão feliz que Platão sugeriu que os políticos não precisam

possuir nada: bastar-lhes-ia o grande jardim para todos. Seria indigno que o jardineiro tivesse um espaço privilegiado, melhor e diferente do espaço ocupado por todos. Conheci e conheço muitos políticos por vocação. Sua vida foi e continua a ser um motivo de esperança.

Vocação é diferente de profissão. Na vocação a pessoa encontra a felicidade na própria ação. Na profissão o prazer se encontra não na ação. O prazer está no ganho que dela se deriva. O homem movido pela vocação é um amante. Faz amor com a amada pela alegria de fazer amor. O profissional não ama a mulher. Ele ama o dinheiro que recebe dela. É um gigolô.

Todas as vocações podem ser transformadas em profissões. O jardineiro por vocação ama o jardim de todos. O jardineiro por profissão usa o jardim de todos para construir seu jardim privado, ainda que, para que isso aconteça, ao seu redor aumentem o deserto e o sofrimento.

Assim é a política. São muitos os políticos profissionais. Posso, então, enunciar minha segunda tese: de todas as profissões, a política é a mais vil. O que explica o desencanto total do povo, em relação à política. Guimarães Rosa, questionado por Günter Lorenz se ele se considerava político, respondeu: “Eu jamais poderia ser político com toda essa charlatanice da realidade. Ao contrário dos ‘legítimos’ políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. O político pensa apenas em minutos. Sou escritor e penso em eternidades. Eu penso na ressurreição do homem”.

Quem pensa em minutos não tem paciência para plantar árvores. Uma árvore leva muitos anos para crescer. É mais lucrativo cortá-las.

Nosso futuro depende dessa luta entre políticos por vocação e políticos por profissão. O triste é que muitos que sentem o chamado da política não têm coragem de atendê-lo, por medo da vergonha de ser confundidos com gigolôs e de ter de conviver com gigolôs.

Escrevo para você, jovem, para seduzi-lo à vocação política. Talvez haja um jardineiro adormecido dentro de você. A escuta da vocação é difícil, porque ela é perturbada pela gritaria das escolhas esperadas, normais, medicina, engenharia, computação, direito, ciência.

Todas elas são legítimas, se forem vocação. Mas todas elas são afunilantes: vão colocá-lo num pequeno canto do jardim, muito distante do lugar onde o destino do jardim é decidido. Não seria muito mais fascinante participar dos destinos do jardim?

Acabamos de celebrar os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Os descobridores, ao chegar, não encontraram um jardim. Encontraram uma selva. Selva não é jardim. Selvas são cruéis e insensíveis, indiferentes ao sofrimento e à morte. Uma selva é uma parte da natureza ainda não tocada pela mão do homem.

Aquela selva poderia ter sido transformada num jardim. Não foi. Os que sobre ela agiram não eram jardineiros, mas lenhadores e madeireiros. Foi assim que a selva, que poderia ter se tornado jardim, para a felicidade de todos, foi sendo transformada em desertos salpicados de luxuriantes jardins privados onde poucos encontram vida e prazer.

Há descobrimentos de origens. Mais belos são os descobrimentos de destinos. Talvez, então, se os políticos por vocação se apossarem do jardim, poderemos começar a traçar um novo destino. Então, em vez de desertos e jardins privados, teremos um grande jardim para todos, obra de homens que tiveram o amor e a paciência de plantar árvores em cuja sombra nunca se assentariam.